



TRIBUNA LIVRE

22
Setembro
1956

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

JOÃO BARBOSA DE MACEDO

Impressão, Imprensa e Redacção — LARGO DO DR. GOUVEIA SALAZAR — TEL. 62113 — AMARES

O plano de actividade municipal para 1957

Reuniu, na passada quarta-feira, o Conselho Municipal da nossa Câmara para aprovação do plano de actividades para o ano que se aproxima.

Só as obras que se projectam realizar nos interesses porquanto as despesas ordinárias são o corolário dos anos anteriores e já sobejamente conhecidas.

Mas só as despesas ordi-

nárias são a repetição do liberado nos anos anteriores? Infelizmente não!

O Matadouro Municipal, a electrificação das freguesias de Santa Maria de Bouro, Santa Marta e Goães, a 2.ª fase da electrificação de Barreiros e a electrificação de Vasconcelos e Ponte do Porto, que são a fachada do plano agora aprovado, há meia dúzia de anos que são

mencionadas e nunca passaram da razão que inspira a sua inclusão—a necessidade de compôr o dito plano.

Em suma e em verdade vai aproximar-se mais um ano de inércia.

Classifiquemos o plano pela anunciada electrificação das freguesias de Santa Maria de Bouro, Santa Marta e Goães e veremos desde logo quão pequena vai ser a sua efectivação.

Essa electrificação fazia-se há um ou dois anos pela quantia de vinte e poucos contos segundo um contracto que obrigava a companhia a essa realização por esse dinheiro e só se não fez por se deixar passar o prazo da obrigatoriedade.

E vai fazer-se, agora, por seiscentos contos?

A nosso ver não, e não porque o rendimento não justifica, o que não significa

(Continua na 4.ª página)

Ilustres Visitantes

Tivemos conhecimento esporádico de que o nosso Concelho foi visitado pelo escritor Ferreira de Castro, Dr. Gerónimo de Castro e outros intelectuais que, acompanhados pelo Senhor Alberto de Magalhães Menezes Azambuja, percorreram os principais lugares históricos de entre Homem e Cávado: Bouro e Abadia, a Quinta da Tapada, o convento de Rendufe e o Túmulo de Sá de Miranda. Por falta de elementos não podemos desenvolver esta notícia, nem sequer mencionar todos os nomes dos ilustres visitantes que acompanharam o oídimo escritor Ferreira de Castro e pena é que, sempre que estas visitas se façam, não nos sejam dadas notícias seguras na nossa Redacção, pois sabemos que, especialmente neste período de férias, as visitas sucedem-se constantemente e de um modo particular à Quinta da Tapada e Túmulo de Sá de Miranda.

Devido à publicação a que estamos a proceder, de um trabalho sério sobre a Monografia do Concelho, ninguém perderia com a passagem destes visitantes pela nossa Redacção.

(Continua na 6.ª página)

O Périplo de África visto do «Vera Cruz» Lourenço Marques e a Beira

Por Paulo Barbosa de Macedo

Os primeiros edifícios da capital da provincia de Moçambique, que divisamos foram o Grande Hotel Polama e o Clube Naval e momentos depois estávamos dentro do Porto que, juntamente com a cidade, estavam engalanados por virtude das festas que ali estavam a decorrer em honra do Chefe do Estado.

Agradável é o aspecto desta cidade e as suas construções denotam bom gosto e apurado asseio, dividindo-se em duas zonas absolutamente distintas

que distinguiremos pela alta e a baixa.

Na baixa encontram-se as principais avenidas, arranha-céus, todo o comércio e indústria, cafés, cinemas e todo o movimento de importação e exportação. A alta é quase exclusivamente destinada a bairros e casas de habitação de características uniformes, com pequeno jardim fronteiro o que lhes empresta um ambiente fresco e agradável e de traçado futurista que nada tem de semelhança com o tipo colonial.

A cidade é de todas as que visitamos a que tem artérias mais amplas e direitas.

O seu velho forte é rodeado por ruas e avenidas desafogadas, algumas de 2 pisos e bem pavimentadas.

A sua planta é acentuadamente uniforme e o desenho assemelha-se a um taboleiro de Xadrez.

Tem bons e grandes hotéis que em parte vivem da grande afluência de sul africanos, que tanto para negócios como em férias, passam a nossa fronteira que se situa muito próximo das suas grandes cidades e aqui vêm gozar o clima marítimo e acolhedor desta cidade.

Sabendo-se que os grandes magnates do ouro, do comércio e da indústria da África do Sul, do Transval e das Rodésias, sem mar, aqui vêm em procura da faxa marítima, fugindo aos climas tórridos do interior, pena é que se não tenham aproveitado as condições naturais para o turismo; por isso se ve-

(Continua na 4.ª página)

Corte ou enxertia de produtores directos

Como é do conhecimento público, a anulação das taxas aplicadas aos produtores de produtores directos, está condicionada até 31 de Maio. Os produtores que não fizeram a comunicação naquele prazo, podem fazê-lo até 25 do corrente mês, sendo válidas as comunicações que derem entrada até esta data, nas Brigadas Móveis do Planício da Vinha. O Grémio da Lavoura presta todos os esclarecimentos neste sentido.

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

•••

Iniciamos, hoje, a publicação da «Monografia do Concelho de Amares», da autoria do distinto investigador, professor Domingos Maria da Silva, nosso conterrâneo.

Trata-se de um estudo profundo, repleto de ensinamentos, admirável de oportunidade, em suma, uma obra de que o Concelho tanto precisava e a que ninguém ousava meter ombros.

Ao Município competia ter agido de maneira a reunir os dados conhecidos para uma monografia séria. Não o fez como, de resto, o não tem feito em todos os casos.

Vai a «Tribuna Livre», pela pena brilhante dum seu colaborador distinto, preencher esta lacuna; a todos, especialmente aos mais cépticos, chamamos a atenção para esta obra que vai impressionar fortemente e que, possivelmente, viremos a publicar em livro, por generosa autorização do seu autor.

Fica-nos a satisfação, além dos conhecimentos que vamos adquirir, do grande serviço que prestamos ao Concelho.

•••

As formas da antiga divisão administrativa, empregadas na parte meridional da Galiza e setentrional da Lusitânia, eram território, terra e em menor grau cidade.

Depois vieram o julgado e o concelho, assembleias em que se reuniam os proprietários das vilas, para discutirem as questões de interesse da respectiva região; o município em que os monarcas começaram a firmar-se para rebaatar as pretensões das classes privilegiadas.

Dos Lusitanos que estanciavam para o norte do rio Douro, geralmente conhecidos por Galaicos, por habitarem a antiga Galécia, destacaram-se os Brácaros pela sua pertinaz resistência às legiões de Roma.

Sob a dominação romana, pode avaliar-se quanto aqui foi activa e profunda a sua influência na obra monumental que surgiu do vastíssimo empreendimento da construção de estradas e lançamento de pontes e aquedutos, com seus padrões e inscrições, documentos inolvidáveis da romanização, que também aqui, mais cedo que em qualquer outro trato da terra peninsular, começou a estigmatizar essa profunda Lusitanidade que, muito embora alguns abalizados historiadores tentassem negá-lo, caracteriza a alma nacional, uma vez que se verificou a sujeição dos Lusitanos do Norte, submetidos por Bruto.

(Continua na 6.ª página)

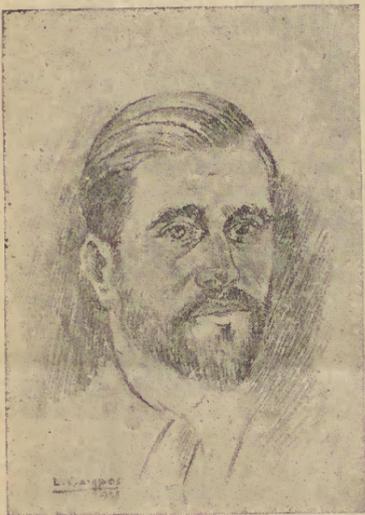
TRIBUNA das ARTES e das LETRAS

Um pintor lisboeta, uma paisagem outonal e um poeta algarvio

Por Cândido de Sousa

Vai fazer um ano que o pintor Luiz de Campos expôs no salão do Turismo, aqui em Braga, uma colecção de dez desenhos de templos bracarenses, os primeiros da sua digressão artística pelo Norte do país.

Abandonando, temporariamente, Lisboa e a sua residência em Barcarena (Queluz), aqui se fixou e por cá se tem conservado, sem que o seu



Auto-retrato do pintor Luiz de Campos

lápiz ou o seu pincel tenham permanecido inactivos.

«As promessas», o «Passarinheiro», figura típica ali da Arcada—que foi adquirido por um português há anos residente no Brasil, de passagem nesta cidade no goso de umas férias mercedas—, certos recantos dos arredores, um esboço, um pormenor, tudo que lhe fere a retina ou desperta a sua sensibilidade artística, ele vai fixando no papel ou na tela para deleite dos íntimos a quem faculta a contemplação desses trabalhos e dos afortunados que têm possibilidades para os obter.

Pontifica todas as tardes no salão de chá de *O Nosso Café*, num convívio agradável acompanhado da esposa, em que ambos recordam casos da vida lisboeta, relembram factos da sua vida artística, contam episódios e ditos, vistos e ouvidos no passado, quando acamaradaram com artistas e boémios de nomeada, nas tertúlias de café, nos meios teatrais e em outros lugares onde o Espírito anda de mãos dadas com a Arte.

Os quadros de Luiz de Campos, desenhos e pinturas, andam espalhados pelas várias colecções dos amadores artísticos que—felizmente!—ainda existem nos quatro cantos deste mundo presentemente tão alheado das diversas manifes-

tações da arte e do espírito, de tudo que não seja desporto.

Tive, agora, ocasião de ver a reprodução de um quadro seu, um desenho magnífico em que é admiravelmente retratado certo trecho de estrada em Odeceixe (Algarve), num dia chuvoso de outono.

Este desenho foi premiado há tempos, no *Salon do Estoril*, onde obteve a 3.ª medalha. Hoje pertence à colecção de arte do poeta Silva Tavares, o autor das *Trincheiras de Portugal* e tantos livros de versos, irmão espiritual desse outro poeta brasileiro Olegário Mariano, cuja correspondência em verso—entre esses dois amigos íntimos—foi há pouco publicada em livro, um dos raros que me falta de Silva Tavares, por não ter sido posto à venda.

Quando se fala no Algarve, a nossa imaginação vê logo as amendoeiras em flor (e apenas isso), pensando que aquela provincia é uma primavera perene.

É certo que nessa provincia a primavera chega mais cedo com a antecipação de alguns meses. E assim é que em Janeiro e Fevereiro o inverno, ali

é suave e a terra cobre-se de longas extensões brancas, da nupcial alvura das amendoeiras em flor, que transforma o inverno algarvio talvez no mais encantador e ameno do do continente europeu.

Conhecem a lenda das amendoeiras?

Resume-se em poucas palavras.

Outrora reinava no Algarve um príncipe mouro que na sua constante guerra aos cristãos do norte do país trouxe, cativa uma princesa por quem se apaixonou, tornando-a sua favorita e a qual acabou por corresponder ao seu amor. Eram felizes. Porém, quando o Inverno chegou a princesa começou a definhar e perguntando-lhe o seu amado a causa daquela tristeza ela acabou por confessar que tinha saudades das neves do seu país, visto agora viver numa região temperada mesmo na própria quadra invernal.

Em segredo, o príncipe mandou plantar amendoeiras à volta do palácio e quando uma manhã a princesa acordou, até onde o seu olhar pôde alcançar só distinguiu uma enorme extensão branca

que lhe deu a ilusão de se encontrar de novo na sua terra natal, onde contemplava os cumes dos montes cobertos de neve mal o inverno ameaçava.

E foram felizes...

Dai em diante, cada inverno se repete o milagre nessa encantadora provincia.

(O escritor Assis Esperança, nas primeiras páginas do livro *Ressurgir*, teatralizou esta lenda mas deu-lhe um desfecho diferente, matando—de ventura—a linda princesa.)

É, por isso, possivelmente, que cada Algarvio é um poeta...

E, assim, realizam a sua Festa da Primavera.

«...Festas dos Poetas Algarvios, — almas desabrochando perenemente num Maio florido de canções de beleza.»

Já o disse Andrade Ferreira, em fins do século passado:

«O Algarve é talvez a nossa provincia mais enflorada de tradições poéticas... A terra que possui mais intactas riquezas e mistérios da sua poesia tradicional.»

E, modernamente, Maria Otilia Lima Nobre acrescenta:

«... Sim, da alma exuberante de poesia da nossa gente do Sul! Porque no nosso Algarve impressionista, país do Sol e da Lenda, onde o céu é mais azul e o mar mais sonhador, nesse jardim magnífico de florências raras e odores subtis, onde as almas e as coisas palpitam num ancestral sonho de Amor e Aventura, — ali, todos, todos

somos poetas! (...) Ai de mim! Cada Algarvio é, de facto, um poeta; mas enquanto uns sabem cantar em versos maravilhosos ou em prosa rendilhada e subtil os seus sonhos e a magnificência da nossa terra, outros apenas sabem sentir, com toda a sua alma, essa magnificência sem par e construir sobre ela os seus sonhos de beleza. E eu sou destes últimos: sinto e compreendo a alma da nossa terra, mas não a sei traduzir em palavras; vivo o meu sonho, mas não o sei cantar!»

Todavia o Algarve tem, como todas as nossas provincias, as suas chuvas e o seu inverno, embora mais suave...

Olhando o quadro em questão, lembrei-me de um poema do poeta algarvio Armando de Miranda, cujos versos nunca me canso de transcrever e do qual ainda há pouco falei, pela segunda vez.

Li, não sei onde, que os que vão ao Algarve vivem, pensam e amam como os próprios algarvios. Era mais ou menos isto...

Sou levado a crer que assim seja.

Luiz de Campos, que nunca tinha lido a *Balada de Outono*, de Armando de Miranda, interpretou-a no seu desenho—não sendo algarvio—como se o conhecesse.

De facto, aquele céu cinzento, as árvores nuas, despidas, de galhos descarnados, as folhas arrastadas pelo vento ou levadas ao sabor da água que

(Continua na 5.ª página)



Paisagem de Outono
Quadro do pintor Luiz de Campos

Odeceixe
(Algarve)

TRIBUNA do CONCELHO

Em Bouro, sente-se a falta da electricidade

No decorrer dos tempos, a inteligência humana foi-se desenvolvendo e os homens chegaram à execução de grandes descobertas.

Uma dessas grandes e maravilhosas descobertas, foi a da electricidade, que trouxe consigo admiráveis e mui proveitosas vantagens.

Ninguém sabe dizer, nem mesmo o soube o seu próprio inventor, como se define «a electricidade», mas todos sabem muito bem o que ela é. Porém, há certas freguesias deste Concelho, entre as quais se destaca Bouro, como uma das mais importantes, que propriamente não sabem—desculpem os meus conterrâneos a expressão,—o que é a electricidade e muito menos os seus efeitos.

A falta de energia eléctrica em Bouro, faz-se sentir muito. Reclama-a a grandeza do

mosteiro em penumbra, devido à incapacidade da luz das velas ordinárias; desejam-na todos os comerciantes de Bouro; os senhores lavradores; o Rev.^{mo} Capelão da Abadia, para o Santuário, que tão dignamente zela. E há ainda tantas outras necessidades; que seria utilíssimo remediar.

Se, pelo contrário, houvesse energia eléctrica em Bouro, que agora está em tanto progresso, este Centro desenvolver-se-ia muito, e esse desenvolvimento, tanto nesta como nas freguesias vizinhas, daria grande esplendor ao nosso Concelho.

Oxalá que os queridos Bourenses e seus vizinhos, vejam brevemente satisfeito o seu grande desejo.

Agostinho de Jesus

De Caldelas

Vilegiaturas — O tempo e a Agricultura

Caldelas, 18—Na quinta de Agueiro, desta localidade, encontram-se, desde de ontem, em goso de férias, o Ex.^{mo} Subsecretário da Assistência Sr. Dr. Alberto Ribeiro Queiroz, esposa e filhos, bem como seu tio Sr. Dr. Alberto Ribeiro e seu primo Sr. Pompeu Ribeiro Guimarães.

—Com a 2.^a quinzena de Setembro, veio agora o bom tempo, de sol e quente, muito beneficiando esta nossa sacrificada lavoura. Os milhos das terras fundas e os vinhos de enforcado estavam atrazados e a apodrecerem.

Oxalá este tempo continue para bem da nossa lavoura e da Economia Nacional.—C.

Partiu para os Açores o nosso amigo Oscar José Marques da Rocha, que se encontrava a prestar serviço militar no Regimento de Infantaria 8, da cidade de Braga, e que acabará o seu tempo ao serviço do Exército Português nesta nossa possessão, onde já se encontra o nosso conterrâneo e amigo Antonio José de Macedo Gonçalves, que antes pertencera ao Regimento de Cavalaria 6, da cidade do Porto.

Desejamos ao nosso amigo Oscar uma boa viagem e um regresso feliz.

A. A.

Bico

Manuel Gomes Cerqueira, casado, motorista, residente nesta freguesia, participou contra Marquês da Conceição, casado, comerciante, residente no

passada terça-feira, alunos que este ano lectivo frequentarão o quarto ano.

«Tribuna Livre» deseja aos dois visitantes um novo ano lectivo cheio de prosperidades e que o seu apuro para com a respeitável ordem seja cada vez maior.

Caires

S. Pedro Fins

Esteve muito concorrida e cheia de fé e espírito de Sacrifício, a peregrinação de Penitência que se realizou nesta paróquia de Caires, desde a Igreja Paroquial até ao Alto do Monte de S. Pedro Fins, em cuja Capela houve Missa cantada, alocação, procissão e romaria ao Santo com o fim de obtermos do Altíssimo por intercessão de S. Pedro, o bom tempo, o calor tão preciso para os nossos queridos lavradores. Este, graças a Deus, não se fez esperar, e o nosso povo anda radiante.

Citânia

Tem sido muito visitada esta localidade, no lugar do Monte de cima, onde aparecem bem nítidos os alicerces de muitas e variadas casas dos tempos dos Romanos, e que segundo os mestres, constituíam a antiga cidade da Bisbaia. Merece bem a pena o sacrifício d'uma visita ao trabalho das escavações.

De visita

Junto de sua estremosa mãe e família a Senhora D. Maria de Jesus da Silva Almeida, do lugar da Cruz, encontra-se a passar uma temporada de verão a Srna. D. Lucília de Jesus da Silva Almeida, de Lisboa, a qual veio na companhia de sua idolatrada filha, a gentil menina Arlinda Almeida da Silva, distinta funcionária da Capital.

Desejamos-lhes umas férias bem passadas e um bem merecido descanso.

Santa Terezinha

Este ano, a festa anual de Santa Terezinha, em Outubro, é precedida d'uma solene novena e ligada à simpática e oportuna festa das colheitas.

Avante por um Mundo Rural Melhor.—C.

Goães

Manuel Joaquim da Silva, casado, lavrador, residente no lugar do Paço desta freguesia, apresentou queixa contra Domingos Fernandes Lopes, solteiro, lavrador, residente no mesmo lugar, por este lhe ter cortado um avultado número de pés de vides, de uma sua propriedade.

O queixoso atribuiu ao prejuízo do dano a quantia de quinhentos escudos.

Novos Assinantes

Por intermédio do nosso assinante Sr. Francisco da Silva Miranda, em Lisboa, tivemos a honra de inscrever como novo assinante o Sr. João Lourenço Ribeiro, natural da freguesia de S.ta Marta de Bouro, mas actualmente a residir nas Escadinhas das Portas do Mar, em Lisboa.

Gratos pela sua indicação.

Do Sr. Manuel Veloso, de Lisboa, recebemos uma carta a pedir a sua inscrição como novo assinante, o que com todo o prazer fizemos.

Agradecemos-lhe o seu pedido e os seus elogios que se dignou dispensar-nos.

Também tivemos o prazer de inscrever como novo assinante o Sr. António dos Santos Andrade, da Rua S. Lázaro, em Lisboa, que nos foi indicado por um seu amigo da freguesia de Portela.

A ambos um muito obrigados.

Pelo Sr. José Manuel Martins, foi-nos indicado para novo assinante o nosso conterrâneo Sr. Américo Augusto da Silva Oliveira, actualmente empregado em Lisboa.

Gratos por tudo.

O Sr. Ricardo Albino Peixoto Coelho, de Viana do Castelo, escreve-nos a pedir a sua inscrição como novo assinante, o que já fizemos.

Conforme seu pedido, já lhe enviamos os exemplares do número que deseja, e obrigados.

Vida elegante

Aniversários

Na passada terça-feira—A Srna. Adelaide Veloso esposa do nosso ilustre assinante Sr. António Veloso.

Na passada Quinta-feira, a Srna. Ana Amorim Vieira e o Agostinho de César Correia Peixoto.

Hoje—A Srna. D. Carlinda Gomes de Abreu.

Amanhã—A Srna. D. Esmeraldina Celeste Meneses Guimarães; a menina Rosa Maria de Macedo e o Sr. Abel José Dias Antunes.

Sexta-feira—A Srna. Amélia de Jesus da Cunha e o Sr. José António Correia Peixoto, que completa as suas 81 primaveras.

Sábado—A menina Maria Cândida de Sousa Pinto.

Casamento

Realizou-se no passado Domingo, na Igreja paroquial de Goães, o casamento da Srna. Glória Martins com o Sr. Delfim da Silva, empregado

As andorinhas

Estas mensageiras já levantaram novo vôo para nos deixar por mais algum tempo, procurando assim um clima que esteja de harmonia com as suas condições de vida.

É interessante ver naqueles dias, quando estão prestes a partir, reunirem-se todas a querer dizer-nos «Obrigado»; dão uma volta triunfal sobre a povoação que lhes serviu de berço e desaparecem no imenso céu azul.

Aves de arribação que ides correr terras por aí além, desejamos-vos que encontreis climas doces e gentes afáveis, pois para o próximo ano nós e os nossos beirais dos telhados, cá vos esperamos.

A. A.

HUMORISMO

No Tribunal

Juiz:—Condeno o réu a seis meses de cadeia.

Réu:—Sr. Juiz, leve-me em conta o tempo que estou casado.

Na Escola

A professora conta uma história de que todos os alunos se riem perdidamente. Todos menos um.

Não achaste graça?—pergunta a professora ao aluno.

—Sou repetente—responde ele—já ri o ano passado.

Anfíbios

Professor:—Anfíbios são animais que vivem tanto na água como em terra. Quem de vocês conhece um anfíbio?

Aluno:—Meu irmão é um anfíbio.

—Teu irmão? Como assim?

—Sim; porque primeiro pertencia à artilharia e vivia em terra; agora é marinheiro e vive no mar.

da casa da Portela.

Depois da cerimónia nupcial, foi oferecido na casa do Sr. Manuel Pereira Portela, um lauto almoço, ao qual assistiram muitos convidados dos quais distinguimos os pais dos proprietários, da firma Martins & Almeida, de Angola, e o reverendo pároco da freguesia de Moure-Felgueiras, Sr. Padre José Augusto de Sousa.

«Tribuna Livre» deseja ao novo lar, as maiores venturas.

TRIBUNA LIVRE
é distribuída em Braga,
no Quilisque Central,
Largo do Barão de São
Martinho

O périplo de África visto do «Vera Cruz»

(Continuação da 1.ª página)

rifica que ele aqui praticamente não existe ao contrário daquilo que vimos na cidade do Cabo e que já descrevemos.

Os principais pontos a visitar são: o Museu Salazar, o Hotel Polama, o Cemitério, o Monumento a Mousinho e as instalações do Rádio Clube de Moçambique.

A exposição preparada para a visita do Senhor Presidente da República, é algo de impressionante. Cobre larga área e os seus pavilhões, de sólida e graciosa construção, começam pela evocação patriótica dos descobridores, para nos darem depois uma ideia dos enormes recursos desta província no comércio, na indústria e na agricultura. A vida dos indiginas é aqui descrita ao vivo com os mesmos instalados em palhotas, dando todos os dias ao visitante um espectáculo de seu sabor.

Há na exposição muitos divertimentos e de entre os animais afigura-se justo lembrar o gado vacum na verdade com exemplares admiráveis.

O Porto é grande e impressiona bem mas já está projectado um aumento de mais 300 metros pois que o mesmo não dá vasão ao movimento presente.

Bem servido de material e com turnos que trabalham de noite e de dia, nem assim evita que alguns barcos estejam dentro da baía à espera de terem lugar, chegando o número dos que esperam a ser de 10 e mais.

A maior parte das mercadorias em movimento é para a África do Sul e dá-se uma ideia desse movimento dizendo que em média se formam 75 comboios diários e que a alfândega rende em média 1.500 contos por dia. O «Vera Cruz»

O plano municipal para 1957

(Continuação da 1.ª página)

que não achemos a obra necessária; é tanto assim que somos quem mais tem punhado por ela.

Pretende-se fazer esquecer o ter-se deixado caducar o contracto, anunciando que o assunto está em vias de solução.

Mas há um pormenor que interessa conhecer e há-de vir a conhecer-se; se a pessoa a quem compete chamar a atenção para os prazos fez ciente quem de direito do que estava para se dar, ou se, para servir designios ainda por desvendar deixou que tal acontecesse.

De qualquer forma e no que sempre temos de convir, é que este concelho não está em maré de sorte e até politicamente parece não estar no mapa.

E termos nós a certeza, que a temos, que o governo é de realizações contínuas e que portanto, realizadores deviam ser todos os que o servem.

J. Macedo

desembarcou aqui 10.000 barris de vinho e carregou 20.000 sacos de açúcar.

Os festejos feitos em honra do Chefe do Estado atingiram grande luzimento e por vezes cenários de beleza impar.

Um dos últimos festejos foi feito de noite. 60.000 nativos levavam cada um, um copo de iluminação à minhota na ponta de uma cana, até à Câmara Municipal. Ali o espectáculo era interessantíssimo e a praça oferecia um aspecto surpreendente.

Os passageiros do «Vera Cruz» foram recebidos pelo Chefe do Estado no Palácio do Governador Geral num vasto salão, tendo ao fundo uma enorme tela com retratos dos grandes da Pátria desde D. Afonso Henriques até Carmona e Salazar.

O Chefe do Estado cumprimentou todos os turistas e interessou-se por saber pormenores da nossa viagem, findo o que, juntamente com sua esposa, nos ofereceu um *Cocktail* que se prolongou até às 16,30 horas, só nessa altura se despedindo.

Visitamos Vila Luiza e os hipopótamos e jacarés do Rio Encomati.

BEIRA

A entrada no Porto da Beira fez-se ao som de fados de Caminha, transmitidos por Alto-falantes e dedicados aos capas negras que vêm a bordo, correspondendo os turistas com milhares de seprentinas lançadas para o cais durante as manobras de atraque.

A cidade da Beira está situada sobre terrenos pantanosos que muito tem estorvado o seu rápido engrandecimento e completo saneamento.

E' já hoje uma grande cidade e com bom futuro na sua frente por ser o caminho das Rodésias para o mar e também pelos enormes recursos que lhe hão-de vir dos terrenos ainda virgens.

Tem um hotel de luxo que é o melhor de todos dos das nossas cidades de África, e na metrópole não conhecemos igual; encontra-se sempre cheio de ingleses que vêm das Rodésias e que aqui procuram o mar. Linhas magestosas, luxuosos salões, nos seus jardins têm piscina, parque de jogos e uma localização que deslumbra por ficar sobre a praia.

O segundo grande atrativo da Beira, é a reserva de caça de Gorongosa, propriedade do Estado, a cerca de 200 quilómetros da cidade.

A nossa visita fez-se às 2 horas da manhã, para melhor podermos observar a caça quando se dirige para os bebedouros e pastagens.

O espectáculo da reserva é imponente e único.

Tem uma área de 3.200 quilómetros quadrados, onde ninguém pode caçar e onde as grandes pastagens são tratadas com «queimadas» todos os anos, em determinados locais, de forma que reduzindo a cin-

zas as ervas velhas, brotam novas e viçosas pastagens.

Interessante que o turista pode admirar as feras mais perigosas de perto, com confiança e à vontade, dado que as mesmas, de muito fartas não sentem necessidade de investir.

Os automóveis seguiram as pistas indicadas pelos guias vendo-se muitos grupos de zebras, pacassas, bois cavalos, búfalos, gaselas, veados etc. e no alto, mato manadas de elefantes, e elefantes solitários, alguns leões que a 20 metros não mostravam a menor irritação e nos viravam as costas perante o bater das máquinas fotográficas.

Porcos bravos, muitos macacos e no rio, que atravessa a reserva, centenas de hipopótamos e corcodilos.

Estamos em crer que há homens muito piores do que estas feras.

As bodas de prata do Sr. José Manuel de Macedo e esposa

Passou na última quarta-feira, o 25.º aniversário do casamento do Sr. José Manuel de Macedo e da Sra. D. Isabel Barbosa de Macedo.

Por esse motivo realizou-se, na manhã desse dia, uma missa de acção de graças com a tradicional cerimónia de imposição de alianças de prata, tendo ao acto assistido muitos familiares e amigos do ilustre casal.

À noite, em casa dos «noivos» realizou-se um concorrido jantar, a que assistiram algumas dezenas de pessoas, o qual decorreu animadamente, sendo-lhes oferecidas diversas lembranças e feitas muitas saudações.

Também não faltou um simular de casamento feito com muito «rigor» e até certa «pompa».

Os homenageados que gozam no nosso meio de particular estima pela fidalguia do seu trato, pela generosidade dos seus actos e pela comunicabilidade e sociabilidade de que sempre dão provas, receberam muitas provas de estima, algumas das quais vindas dos pontos mais distantes.

Propositadamente se dirigiram a sua casa pessoas que, embora vivendo fora do nosso meio, quiseram associar-se à festa do casal.

Reinteramos as nossas saudações ao Sr. José Manuel de Macedo e sua Esposa, a quem desejamos a continuação da felicidade gosada até hoje—e dizemos continuação—por saber que nem o casal focado aspira a mais, nem quem quer que seja acha que é possível viver-se em mais completa harmonia.

Festividade em Amares

Realiza-se amanhã, no lugar das Alminhas, da vila de Amares, simples mas de elevada significação, uma festa à Ermida das Alminhas, que foi belamente retocada e encontra-se actualmente em bom estado. Esta festa, orientada pelos ra-

Tribuna Desportiva

Comentando o Nacional da 1.ª divisão

A segunda jornada do campeonato da primeira divisão que foi fértil em empates, nada menos do que cinco se registaram, deu-nos algumas surpresas sendo de salientar a expressiva derrota do Atlético em sua casa, os empates de Coimbra e Marvila, este entre o grupo local e o Belenenses um dos candidatos ao título.

O jogo número um da jornada que se realizou no Estádio da Luz, entre os dois velhos rivais, chamou as atenções gerais para o mesmo por ser dado quase todo o favoritismo aos donos da casa, considerada para já melhor equipa, e por a equipa leonina ter perdido o primeiro jogo e no seu ambiente, emprestou ao prélio grande interesse.

Afinal o Sporting portou-se melhor do que se previa e se ao fim dos noventa minutos acaba-se em vencedor não escandalizaria ninguém, porque no conjunto geral da pugna mostrou-se melhor equipa.

O Benfica desiludiu um pouco esperando-se mais do seu conjunto que demonstrou para já não possuir poder que o tornou uma grande equipa, mas como estamos em princípio da época com o tempo deverá vir a ser um dos melhores conjuntos nacionais.

O outro grande jogo travou-se em Torres Vedras, onde se deslocaram os campeões nacionais, com certa apreensão por saberem que iam defrontar uma equipa aguerrida e difícil de domi-

pazes e raparigas desta terra, será abriantada pela aparelhagem sonora da Casa David da cidade de Braga. Haverá também duas corridas de bicicleta negativa e positiva e à noite, espera-se um movimentado arraial minhoto com duas sessões de fogo de artifício e provavelmente preso, com a avenida que dá acesso à Ermida, devidamente iluminada com centenas de lâmpadas.

J.V.

nar, quanto mais no seu ambiente.

O F. C. P. tem uma formação estruturada, sendo composta pelos mesmos jogadores da época passada. Conquistou um precioso ponto mas a sua actuação não teve a regularidade desejada que a seu tempo aparecerá.

O Torreense pelo brio posto na luta e pelo jogo desenvolvido, mereceu o resultado que a ambos deve ter satisfeito.

O Atlético soma como derrotas os jogos disputados, andando ainda à procura da melhor formação que parece não encontrar nestes próximos jogos.

É tempo de remediar o mal se ele existe, não perdendo tempo para encontrar o mais breve possível a solução que lhe dê novo rumo, tentar tarde de mais será perigoso.

O Belenenses, um dos candidatos, mais uma vez não venceu em Marvila frente ao Oriental e se tivesse perdido não se poderia queixar porque foi globalmente inferior ao seu adversário que merecia ter ganho.

O resultado mais escandaloso verificou-se em Coimbra entre os estudantes e o Sporting da Covilhã.

Em face do resultado conseguido pela Académica frente ao Sporting e pela exibição que fez, ninguém acreditava que a briosa fosse empatar logo a seguir, no seu campo, com uma equipa que oito dias antes tinha perdido em sua casa. (Coisas da bola).

O Victória de Setubal deixou fugir um precioso ponto em benefício do Caldas, que com ele vai emparceirando no lote dos primeiros com os mesmos pontos.

Resultado normal entre Barreirense e a Cuf.

No próximo domingo não há jogos em virtude de ser inaugurado o novo Estádio do Belenenses.

Visado pela censura

A Companhia de Seguros «ATLAS»

Efectua seguros em todos os ramos. No seu próprio interesse consulte as condições que esta acreditada Companhia lhe oferece, por intermédio do seu agente nesta Vila Snr. Manuel Gonçalves da Silva.

Efectue hoje mesmo, os seus seguros.

Um pintor lisboeta, uma paioutonal e um poeta algarvio

(Continuação da 2.ª página)

inunda a estrada, a ligeira neblina que, ao fundo, parece desprender-se da terra, todo o ar da desolação que essa paisagem traz ao nosso espírito, impregnando-o de uma vaga tristeza, causa-nos a mesma sensação provocada pela leitura daquela balada.

Dir-se-ia que esse poema é a digna, expressiva, exacta legenda de tal paisagem.

Claro que devemos considerar a balada—neste caso e em relação ao desenho—*subjectivamente*.

Deixemos vê-la "de dentro para fora", isto é, imaginemos o par olhando através da vidraça. O resto, o tocador de violino, as montanhas, as casas, as andorinhas, estão "para cá", fora do nosso raio visual.

Só aquele pedaço de agonizar da tarde se descortina pela janela.

E veja-se como tudo combina bem.

Balada de Outono

Pálida tarde de Outono...
Folhas ao vento... Abandono...

Uma vaga nostalgia
Nasce do morrer do dia...

No desolado ambiente,
Erra um perfume dormente...

Na meia-luz indecisa
Da tarde, tudo agonisa...

Desce o Sol... Tudo é tão triste.
Parece que nada existe...

À janela, de mãos dadas,
Juntinhas, entrelaçadas,

Amor, eu olho e tu olhas
O cair triste das fôlhas...

Olha, nas garras do vento,
Lá vão, lamento em lamento...

Pra onde? P'ra onde irão?
Nem elas sabem! Lá vão...

E as árvores, em nudez,
Choram sua viuvez...

Ao longe, pelas montanhas...
Há brumas, sombras estranhas...

Andorinhas batem asas
Sobre os telhados das casas...

Em bando, num abandono,
Vão fugidas ao Outono...

Oh Outono! com que tintas
A Natureza tu pintas?

À janela, os nossos dedos,
Confidenciam segredos...

Cada vez mais apertados,
Lânguidos, fúios, gelados...

Vaga tristeza entra em nós...
Ficamos quédos... sem voz...

Uma amargura sem nome,
Nos domina e nos consome...

Nem uma palavra corta
A tarde cinzenta e morta...

Mas há luzes infinitas
No olhar cor que me fitas...

Negros, dum negro profundo,
Teus olhos são doutro mundo...

Penetrante, meigo e fino,
Um gemer de violino,

Vem de longe, não sei donde,
Nas nossas almas se esconde...

Quem será? Que delicada
Mão de artista, requintada,

Derrama tal melodia
Que prende, eleva, extasia?

E a queixa segue, em surdina...
—Música! Oh Arte Divina!

Vai cessando, agora, a chuva...
A terra é como viúva,

Toda de crépes, chorando,
Negras saudades penando...

Do Sol, nem rasto, sequer...
Tua frente de Mulher,

Loira, triste, comovida,
Apoia-se a mim, vencida...

Beijo-te muito nos olhos,
Enquanto as fôlhas aos molhos,

Agonisantes, de braços,
Lá vão... lá vão... aos soluços...

Beijo-te mais p'ra esquecê-las...
Surtem no céu as estrélas...

Negras, dum negro profundo,
Teus olhos são doutro mundo...

Bendigo a hora em que vi o delicioso e expressivo quadro de Luiz de Campos, o que me permitiu distrair o espírito escrevendo sobre um admirável Artista-Pintor e sobre um delicado Porta algarvio.

Há coincidências!... Recordam-se de ter ouvido a radiodifusão de um programa dos Emissores do Norte Reunidos, do Porto, *Lendas da Nossa Terra*, patrocinado pela fábrica bracarense "Saboardia e Perfumaria Confiança"?

Pois o autor das mesmas, o escritor Gentil Marques, reuniu-as em volumes de que já saiu o primeiro em Maio do ano passado, publicado pela Editorial Lavouras, de Lisboa, com aquele mesmo título.

Sabem quem ilustrou esse livro?

O pintor Luiz de Campos. E precisamente a última lenda é *A lenda das Amendoeiras*...

É mais ou menos como eu a contei.

Verifica-se, assim que o romancista Assis Esperança, teatralizando-a, ao alterar-lhe o final, fantasiou.

Cândido de Sousa

Mais vale tarde do que nunca

Não pretendo com este adágio melindrar os Avozinhos do minha Querida Terra Natal, pois estes, creio sinceramente que devem ter feito por ela, tudo o que as respectivas épocas permitiram.

Era porém, meu desejo, conhecer os feitos desses Avozinhos, para com saudade inserir nesta humilde resenha, os imorredoiros nomes daqueles que ao concelho de Amares e seus satélites, prestaram a sua ávida colaboração bairrista, mas limito-me a relembrar o que tenho lido, porque infelizmente, desde tenra idade, tenho tido, uma de «nómada».

Por isso, apenas me apraz registar (embora não seja desconhecido para a totalidade dos meus conceterrâneos) que foi no nosso Concelho de Amares, então "Marecos", que nasceram dois famosos belicosos: —D. Gualdim Pais e D. Mendo Moniz, com cujos feitos ilustraram uma página da Gloriosa História do Nosso Prestigioso Portugal.

Não surgiu neste ano de

Por favor, caros leitores, guardem um pouco. Vamos ouvir esses lindos números de música regional portuguesa. Deixem irradiar aquela aparelhagem sonora aqui ao lado.

—Ouvem?! Gostam?—Já sabia disso...

E não há semblantes anuviados. Parece que tudo redopia. Há música alegre. É a criada, a patroa e o patrão. São filhos, irmãos e os pais. Criancinhas, jovens e velhos... E tudo maneiça o pêsito e ensaia a cantiga!...

Está em vibração a alma popular. É Portugal que passa a cantar! Vamos com ele, cantemos com ele e como ele!

Mas haverá alguma coisa mais vibrante do que os nossos ranchos folclóricos, a jorrar vida e alegria? Nas suas fainas do campo, nessas esfolhadas, espadeladas e lagaradas, a caminho ou no regresso das nossas alacres romarias—anda a atmosfera cheia de vida, de luz e de cor!

Portugal está saturado e não pode tolerar a dentro do seu campo artístico, do seu alegro-musical, tanto faduncho esganado e doentio, tanto batuque tramelado, tantas chineirices musicais, tantos arremedos da «Divina Arte».

Por isso mesmo as exhibições dos nossos grupos folclóricos constituem autênticos brindes, intervalos saudáveis, uma fuga proveitosa de semelhante *pesadelo musical*!...

E Portugal é um dos países mais ricos em números e variedade de folclore. Não será um dever de todos nós recolher, acarinhar, cultivar e elevar o nosso formoso folclore? Quem

1956 um herói, propriamente dito, para História de Portugal, mas surgiu um punhado de heróis para a História do Concelho de Amares; pois não é apenas com a ponta da espada que se escrevem páginas na História. Aqueles que não se poupando a esforços e sacrifícios tomaram o pesado encargo de levar a efeito a publicação dum jornal para defender os interesses Concelhos também não são menos dignos do nosso apreço e admiração.

Amares, Concelho do Norte de Portugal, não é, positivamente uma terra que todos conhecem, mas tem, como tantas outras, muitos dos seus filhos dispersos pelos mais longínquos recantos do Continente, Ultramar e Estrangeiro e, quantos e quantos, sem terem lá já, sequer, parentes afastados, mas que nem por isso deixarão de sentir «um não sei quê» que os prende à sua Terra Natal, por mais humildes que sejam as suas condições.

É muito difícil, senão impossível, esquecermo-nos da Ter-

ARES DE PARADELA DO RIO...

As Danças e Cantares da nossa Terra

não atentou ainda nesse Congresso de Folclore, realizado em Braga no Junho passado?

Nas danças e cantares portugueses, genuinamente regionais, não há—que não pode haver—a mais leve nódoa de sensualidade; não há pecado. É a nossa própria alma no seu recreio próprio. Há coerência entre o sentir e o exhibir.

Aqui, neste rico canteiro de Amares e seus subúrbios, existem lindas canções, restos de danças populares, relíquias de trajes regionais. E porque não recordá-los, recolhendo-os e fazendo-os reviver?!

—Qual dos meus leitores irá atentar no que fica exposto?

—Ouvem ainda estes números de música regional?...

Tudo maneiça o pêsito... tudo ensaia a cantiga... está em vibração a alma popular... E' Portugal a cantar... Cantemos também com ele e como ele!

Paradela do Rio, Setembro de 1956

Bernardino Ribeiro

ra onde vimos pela primeira vez a Luz, onde esboçamos os primeiros passos, as primeiras brincadeiras entre gargalhadas ingênuas de criança, e à qual nos prendem também eternas saudades daqueles que nos foram queridos e que «JAZEM» para sempre junto do SENHOR.

Muitas vezes ao sentir-me, como que isolado, (pois passavam-se anos sem que visse alguém que saciasse a minha sede de notícias) relembrava os mais pequenos pormenores.

—Quem será o Pároco da freguesia, e o regedor?

—Que será feito dos meus antigos condiscípulos, camaradas de meninice?

Agora já não vivo alheado de tudo quanto se passa no meu Concelho de Amares, há alguma coisa que satisfaz a minha curiosidade e que é bálsamo para aliviar-me as tormentosas saudades...

—O Semanário «Tribuna Livre»—que além de informar os filhos do seu Concelho de tudo quanto seja fausto para a sua Terra, veio também demonstrar que o espírito bairrista dos seus habitantes (que tanto tem contribuído para o seu engrandecimento), procura fazer ainda mais e melhor.

BEM HAJAM POIS BRAVOS CONTERRÂNEOS, que a vossa obra seja no futuro mais um baluarte para a Nossa Querida Terra. E, no intuito de interpretar o desejo de todos os natos do meu Concelho, permito-me registar aqui um grito de incitamento, a quantos como eu, em terras longínquas, aguardam o recebimento do mensageiro que, com a melhor boa vontade de bem servir, nos vem dar semanalmente, conhecimento minucioso dos acontecimentos da NOSSA TERRA.

O assinante.

Tony

Rebotalhos humanos

Homens sem fé, sem Deus, sem luz, sem crença, verdadeiros chacais, horrendas feras. Homens que vivem hoje as negras eras que o tempo destruiu com a Renascença.

Se um novo Dante vindo de Florença tais gibelinos visse-tais megeras-talvez batalhas nobres, mais severas fossem travadas nesta terra imensa

Sem moral, sem decência e sem virtudes ressaltam-lhes as negras atitudes de traição, de perfídia e covardia

Vive tal casta em meio à sociedade dando seu triste exemplo à mocidade tanto cinismo expôndo à luz, o dia!

Postais de Paradela do Rio

Não foi sem proveito que lembramos no último "Postal", uma campanha de assinaturas cá da boa rapaziada de Amares.

Não foi, não senhor. Já abriu o activo o nosso distinto amigo e fiscal da HICA, João Manuel Dias P. Felgueiras.

É ele próprio que, através de a «Tribuna Livre» saúda os seus amigos e conterrâneos da nunca esquecida freguesia

de Bouro.

Certamente que outros vão aparecer. Constou-nos até que já houve dois amarenses que andaram em nossa procura... talvez com o mesmo desejo. E o amigo Felgueiras parece disposto a coadjuvar a «batalha»...

Assim, sim. Dessa forma não será morto o bairrismo dos filhos do Concelho de Amares. = E pronto. A embirrenta

chuva deixou-nos.

Por quanto tempo, não sabemos. O «Borda-d'Água» diz que só vem mais molho lá para Outubro. Mas, se calhar, sai mentiroso...

= Realizou o seu auspicioso enlace com a menina Isabel Viegas, Pereira, o nosso amigo e filho de Bouro, senhor Adriano da Silva Feixa. Que a Senhora da Abadia abençoe o novo lar que escolheu o seu donairoso santuário para receber as benções nupciais.

E por hoje basta. Um abraço de todos os que cá andam para todos quantos os estimam.

B. Ribeiro

Album de coisas várias

Tenho hoje uma vontade enorme de cortar na casaca de certos fulaninhos!... Deos despojar, à unha e à dentada, das vestes luzidias e engomadas com as quais se cobrem perante a humanidade, os amigos, a sociedade, da qual se julgam os protótipos eleitos e iluminados da cultura, da política, da intelectualidade, da orientação das massas. Inteligências fanáticas que se têm por heróis e

mártires na defeza dos interesses dos humildes, himalaiaes que se julgam dominar, pela palavra, pelo argumento, pela atitude parlamentar, um mundo que os não conhece—mas que os atura com uma dolorosa e santa paciência. Despi-los, põ-los nus! Perante o mundo, perante a humanidade—perante eles próprios!

Monturos de vaidades abjectas, hierofantes intonsos de igoismo, eles não formam mais que um pandemónio que entendia de noio e de enfado a alma simples dos que, tomando-os por heróis, os ficam a conhecer como canalha ou imbecis. São vampiros que sugam a sua vítima por mil e um processos de uma termocautéria apimentada de minio, quando não pôdre ou mal cheirosa de pátina.

Eu desejava arrancar-lhes a máscara sob a qual escondem a vil imagem de uma das mais doloridas poliformias. Não conseguem obumbrar a sua genese quelônia com o coruscante reluzir das suas vestes luzidias e engomadas!...

* * *

Não, leitor, não vou escrever aqui os seus nomes. Eles não têm nome, como não têm pátria. Pertencem a uma fauna que a ciência ainda não determinou, que o bisturi da verdade e da vergonha ainda não dissecou.

Mas todos os conhecem, porque eles, na sua soberba e na sua loucura danada pela megalomania, pululam por aí fóra como equinos dominados pelas rédeas do misterioso, do cruel Jezidis.

* * *

Julgam possuir tudo, tudo poderem, tudo quererem, quais demiurgos loucos por mando ou diabólica direcção universal. Mas são os seres mais infelizes, mais fracos, mais tristes que pisam o pó da terra!

J. M.

ficou ferida, mas sua mãe, Maria de Macedo, sofreu um ferimento no peito e outros noutras partes do corpo.

NECROLOGIA

Falecimentos

NA FREGUESIA DE GOAES—O Sr. João Evangelista Fernandes, com 28 anos de idade, no passado dia 14 do corrente;

NA FREGUESIA DE BOURO—A senhora Maria Amélia de Sousa, com 68 anos de idade, no passado dia 15 do corrente;

NA FREGUESIA DE CALDELAS—A Senhora Delfina de Jesus da Silva Almeida, com 75 anos de idade, no passado dia 12 do corrente.

MONOGRAFIA DO CONCELHO

(Continuação da 1.ª página)

De entre as diversas e particulares designações por que os Brácaros ainda se subdividião, considerem-se os *Interâmicos* (de amnem-rio-o Homem), isto é, «habitantes entre rios» os povos que, desde os mais recuados tempos, vêm a compreender-se nos limites naturais de Homem e Cávado e a definir-se muito mais tarde no concelho de Amares.

Assim, os *Interâmicos* tinham por seus mais próximos vizinhos os *Querquenos* (de quercus — carvalho) como que a constituírem a seu tempo um notável bloco peninsular, sempre unidos pelas fortes razões da sua posição topográfica, a estenderem-se para o norte pela vasto massiço geresiano, com a *Carvalheira* e outras povoações, hoje abrangidas pelo vizinho concelho de Terras de Bouro.

Sob esta designação latina de *Interâmicos* veio a denunciar-se por tradução a de Entre Homem e Cávado, determinada já por especiais circunstâncias de pura idade média e a projectar-se depois escalonadamente no Entre Minho e Douro e Entre Douro e Tejo, à medida que os territórios, deste modo abrangidos, foram caindo na posse de exércitos cristãos.

Sem dúvida, Entre Homem e Cávado foi o primeiro escalão da terra portuguesa de onde começaram a vibrar-se os primeiros golpes contra os mouros e começou a rasgar-se a extensa clareira até às definitivas fronteiras da Nacionalidade.

E a este respeito não era preciso que Salazar Glória e Moreri informassem que D. Arnaldo de Barão, filho 3.º do Imperador Guido, Duque de Espoleto e Conde da Toscana, porque ouvisse falar dos sucessos do rei de Leão contra os mouros da Espanha, veio, acompanhado de criados seus, a buscar terras de que fosse Senhor, no tempo do rei Afonso III, o Magno, pouco antes do ano 899, sendo ainda vivo o rei D. Ordonho, e empregou-se a fazer guerra aos infieis, estabelecendo-se nas montanhas de Entre Homem e Cávado, chegando à vila de Barcelos e ribeiras do Douro, no concelho de Baião.

Assim foi que, muito antes que os dois primos borgonheses, Henrique e Raimundo, viessem da França oferecer a Afonso VI os seus serviços nesta Santa Cruzada contra os mouros da Espanha, já muitos outros cavaleiros andantes, armados de escudo branco em que haviam de gravar assuas proesas e desejosos de embeber a sua espada em sangue infiel, tinham vindo de mui longe enrincheirar-se nestas alturas de Entre Homem e Cávado, a dominarem os horizontes do Sul que os desafiava para uma luta sem tréguas.

Aproveitando o que restava de velhas atalaias disseminadas pelos cimos dos montes, eles foram, nas gloriosas campanhas da reconquista cristã, em boa hora desencadeada pelo nobre Pelágio desde as cumeadas do Auseva, os pioneiros e precursores da fundação do Condado Portucalense que teve por sedes Braga e Guimarães.

Não é pois, pequena glória para as terras de Entre Homem e Cávado, que delas partissem os primeiros movimentos militares que deram lugar à formação e dilatação do Reino.

Tenha-se na devida conta, ao considerar esse longo período da reconquista, a melhor via de acesso, de norte para sul, a esta região de Entre Minho e Douro, que era a Portela de Homem com a célebre estrada militar dos Romanos, «a Geira», e avaliem-se as numerosas e constantes levadas de ricos-homes e guerreiros que, transpondo os montes, vieram pouco a pouco assenhorear-se destas terras e levantar nelas torres e solares, mosteiros e fortalezas, de onde saíram a seu tempo os verdadeiros paladinos da autonomia nacional.

Continua no próximo número

Pelo Concelho

Santa Filomena

O Sr. António de Barros Gonçalves, residente em Lisboa, recebeu grandes favores de Santa Filomena, por quem nutre acrisolada devoção, em sinal de gratidão. No dia 26 do mês passado, a seu pedido e a expensas suas, realizou-se na freguesia de Proselo-Amares, onde nasceu e viveu até aos 10 anos de idade, uma festa em honra de Santa Filomena.

Parte integrante dessa festa foi a Comunhão solene das crianças da paróquia e da menina Maria Madalena, sua filha.

Durante os dias de pregação preparatória para a festa de Santa Filomena, o Sr. Gonçalves, e sua esposa D. Leonilde Marques Ferreira Gonçalves, concentraram o seu espirito. A actividade comercial tinha ocupado, até então, o tempo e as energias.

Não obstante serem profundamente crentes e religiosos eram pouco assíduos à Igreja e aos Sacramentos. A Sra. D. Leonilde nunca comungara. Seu marido só fizera a primeira Comunhão. Para que a sua homenagem a Santa Filomena fosse completa e movidos do sincero e ardente desejo de imitar os seus exemplos resolveram comungar ao lado da sua filha e das crianças de Proselo. E assim sucedeu. O Sr. Gonçalves, fez a Comunhão solene, como a filha. A Sra. D. Leonilde fez a primeira Comunhão. Desde então, ambos têm comungado quase diariamente com edificante devoção, bendizendo Santa Filomena, que os guiou para a Vida Eucarística.

Bouro

Grande Feira Franca a S. Mateus

Estão a decorrer com grande animação os preparativos para a grande Feira Franca e Concurso Pecuário, que nos dias 22 e 23 se realiza nesta localidade.

Os rapazes e raparigas encarregados da ornamentação têm dado as provas máximas do seu bairrismo, dedicando

todo o interesse à missão que os encarregaram. A comissão organizadora procura dar-lhe o maior brilho possível, para que tenha o melhor sucesso.

Diversos números atractivos vão ser apresentados inesperadamente aos quais se chama «Surpresa do dia.»

Emfim: Tudo corre com grande animação e de baixo da melhor ordem.

Oxalá que o tempo nos seja favorável.

Uma furgoneta entrou precipitadamente dentro duma propriedade resultando a morte do seu condutor

Na passada quarta-feira, por volta das 16 horas, a furgonete SN-15-07, da firma Benjamim & C.ª L.ª, da Praça D. Filipe de Lencastre n.º 25, Porto, conduzida pelo sócio daquela firma Sr. Benjamim Fernandes Araújo, que vinha acompanhado de sua esposa e um filho, entrou precipitadamente dentro duma propriedade pertencente ao Sr. Francisco José da Silva, sita ao fundo do Terreiro, nesta localidade.

Após se apercebeu o desastre procurou-se prestar aos passageiros os socorros necessários, conduzindo-os imediatamente à Casa de Saúde de Amares, onde o desventurado condutor chegou já com poucos sinais de vida, pelo que faleceu.

Segundo informação da família que o acompanhava, o condutor tinha dito momentos antes que levava bastante sono, e talvez que só este motivou o desastre, porque a velocidade que este seguia, não era superior a 40 Kilómetros à hora e a curva é de regular visibilidade.—C.

Carrazedo

Foi queixar-se à G.N.R. desta vila, Maria de Macedo, solteira, doméstica, do lugar da Feira Velha, desta freguesia, contra João da Silva, divorciado, lavrador do mesmo lugar e freguesia, por este a haver espancado ao soco e bofetada, quando ela o chamava a atenção porque tinha batido em sua filha menor, de nome Luisa Maria de Macedo. Esta não